



Inglês como língua internacional e a ferramenta de pronúncia do Google

English as an international language and Google's pronunciation tool

10.56238/isevmjv3n3-011

Recebimento dos originais: 11/04/2024

Aceitação para publicação: 31/05/2024

Adriana Barretta Almeida

Graduada em Linguística pela USP

Artes Visuais pela EMBAP

Mestre em Psicologia pela UFPR

E-mail: adribarral@gmail.com

RESUMO

Introdução: A ferramenta de pronúncia do Google é muito utilizada pelos professores de inglês para o aperfeiçoamento da pronúncia dos estudantes, sendo também, e principalmente, uma ferramenta acessível para o ensino online, já que está disponível gratuitamente para todos os usuários da plataforma. **Objetivo:** Questiona-se nesse artigo o quanto esse uso pode ser benéfico ou prejudicial para o ensino das habilidades de fala. **Materiais e Métodos:** Essa ferramenta foi analisada neste artigo à luz do conceito de Inglês como Língua Franca (ILF), que propõe um olhar decolonial para o ensino-aprendizagem da língua, desatrelando o conceito de proficiência da imitação perfeita da pronúncia dos nativos dos países de maior poder hegemônico, principalmente Estados Unidos e Inglaterra. Exploramos a evolução do ensino de inglês no Brasil, destacando uma abordagem pós-estruturalista da linguagem, na qual questiona-se a visão tradicional de língua como um sistema estruturado e pronto para ser “adquirido”. Defende-se, nesse sentido, uma abordagem flexível que valorize as diversas variantes do inglês, inclusive a falada por não-nativos. Realizamos nesse artigo uma investigação do uso da ferramenta por uma aluna de nível B1 (pré-intermediário). Foram registradas imagens da tela que apresentam a avaliação que a ferramenta faz da pronúncia da referida aluna. **Resultados:** A ferramenta do Google, embora útil, é criticada aqui por restringir-se a variantes de prestígio e promover uma visão purista da pronúncia. As correções propostas pela ferramenta demonstram uma visão restrita da língua, sugerindo modificações que não interfeririam na inteligibilidade da fala da estudante. **Conclusão:** Propõe-se uma ampliação das opções de pronúncia e uma abordagem mais flexível para avaliar a inteligibilidade da fala, refletindo a diversidade linguística. Essas considerações são urgentes dada a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de inglês, Ferramenta de pronúncia do Google, Diversidade linguística.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomos uma análise da ferramenta de pronúncia acoplada à plataforma Google, disponível a todos os usuários Google de forma gratuita e acessível. Essa análise é feita à luz do conceito do Inglês como Língua Franca.



2 DESENVOLVIMENTO

2.1 INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

O ensino da língua inglesa no Brasil tem trilhado um caminho que envolve a evolução do entendimento sobre língua e identidade linguística, partindo de uma visão estruturalista para uma mais complexa e contextualizada.

Este trabalho propõe uma abordagem pós-estruturalista da linguagem, que reconhece a influência do contexto social e cultural na construção de significados. Além disso, destacamos a necessidade de repensar o papel do professor de língua estrangeira como facilitador da construção de sentidos e da reflexão crítica sobre linguagem e cultura, repensando também as ferramentas e recursos tecnológicos que esse professor terá à sua disposição.

A discussão sobre Inglês Como Língua Franca joga luz sobre o poder e as relações de hegemonia linguística, onde as línguas dominantes exercem influência sobre as minorias. O conceito de "falante nativo" como o único modelo de competência linguística válido é questionado, ressaltando-se a importância de considerar a diversidade linguística e cultural.

O conceito de Inglês como Língua Franca (ILF) envolve uma abordagem que reconhece o inglês não apenas como uma língua estrangeira associada a países de língua inglesa, mas como uma língua de comunicação global utilizada por falantes não nativos em contextos internacionais.

Muitos autores desta linha de pensamento argumentam que o inglês é usado como uma língua franca em contextos internacionais, onde falantes de diferentes línguas usam o inglês como meio de comunicação. Enfatiza-se a importância de entender e aceitar as variedades do inglês faladas por não nativos, em vez de privilegiar apenas as normas do inglês nativo.

Jeniffer Jenkins é uma desta autoras, e seu trabalho contribui significativamente para a compreensão das variedades do inglês em seu trabalho sobre "Inglês como Língua Franca" (ELF). Ela destaca a necessidade de uma abordagem mais flexível para o ensino e aprendizado de inglês, reconhecendo e valorizando as diferentes formas de inglês faladas por não nativos. Jenkins defende o desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes em inglês, independentemente do sotaque ou da gramática específica. (JENKINS, 2006).

O ensino do inglês nos moldes tradicionais, onde os aprendizes têm a obrigação de moldar a língua para reproduzir com perfeição o "falante nativo", reproduz uma lógica colonial que reflete uma visão hierárquica de língua e cultura. O falante nativo é sempre um representante de um grupo social de poder, americano ou britânico, falante de um sotaque de prestígio mesmo dentro de sua comunidade. No Brasil, um país marcado pelas políticas de educação neoliberais, a influência do colonialismo e do imperialismo

linguístico nas práticas educacionais e na formação de professores sempre ocorreu de forma muito intensa. (SAVIANI, 2019)

Por esse motivo, lançamos um olhar crítico ao uso da ferramenta de pronúncia disponível no site de buscas Google.

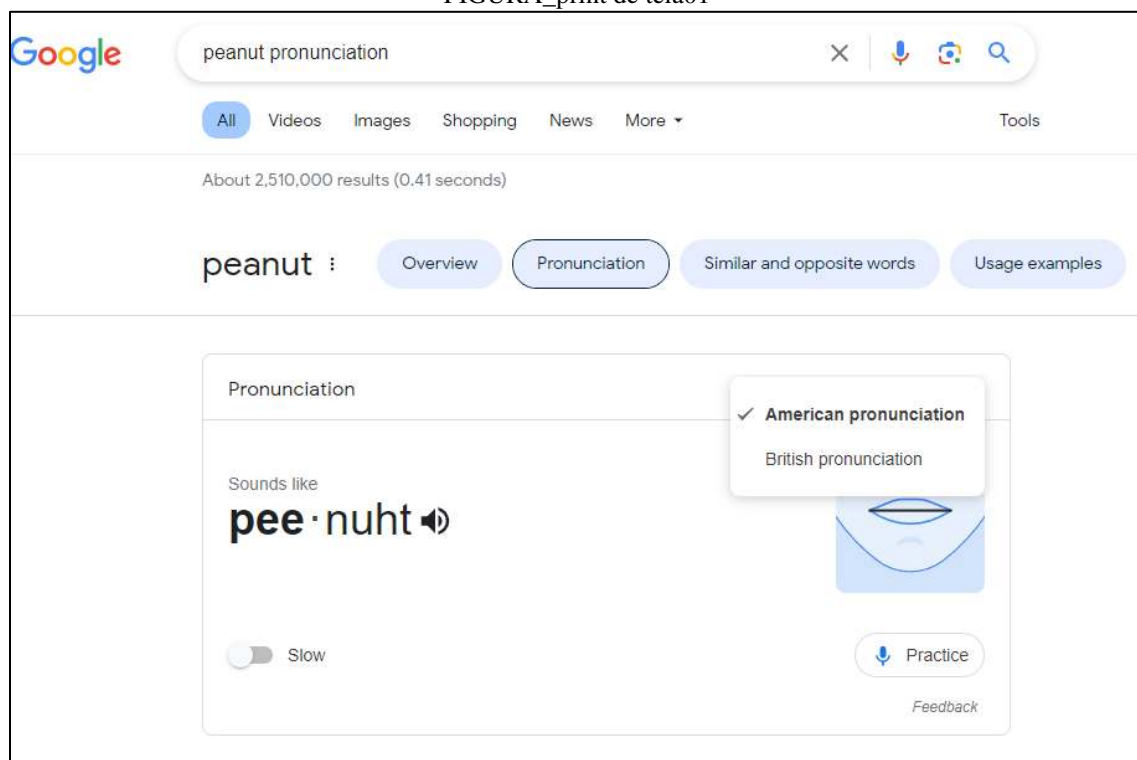
2.2 A FERRAMENTA PRONÚNCIA DO GOOGLE

As ferramentas tecnológicas revolucionaram o ensino de línguas no mundo todo. Principalmente no caso do inglês, há inúmeras ferramentas disponíveis e gratuitas acessíveis a todos os usuários que possuam uma rede de internet e um aparelho com o qual possa se comunicar.

O Google *Pronunciation* vem sendo usado pelos aprendizes para ouvir e praticar a pronúncia daquela palavra, recebendo inclusive uma avaliação da própria pronúncia.

Ao colocar uma palavra na barra de busca acrescida do comando *pronunciation*, o usuário ¹depara-se com a seguinte configuração:

FIGURA_print de tela01



Fonte: autora

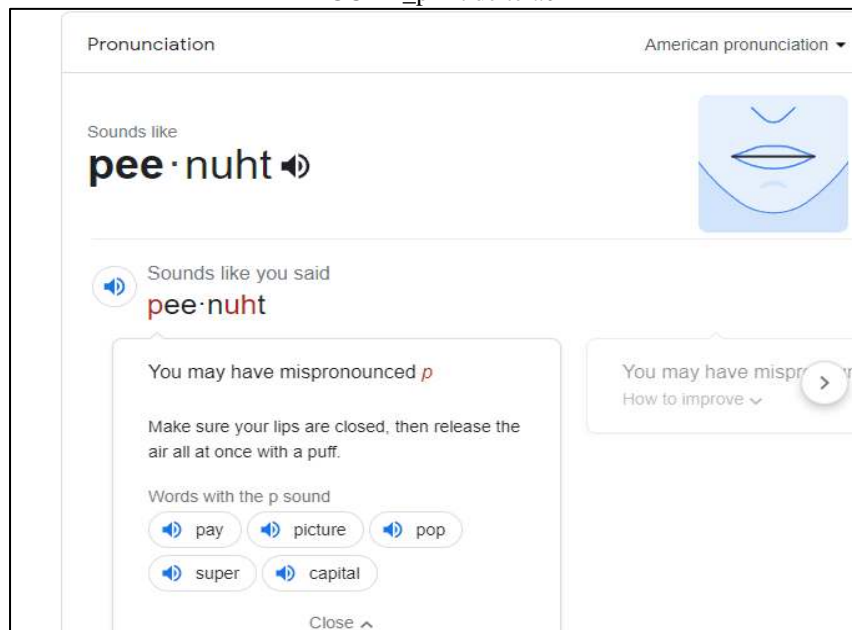
A palavra pode ser ouvida enquanto exibe-se uma versão “transcrita” de forma simplificada, que para o falante brasileiro não corresponde à forma que este escreveria o som que se ouve.

¹ Neste caso, a plataforma foi utilizada por uma aluna da autora, estudante adulta de nível B1

Nota-se que as opções de pronúncia exibem as opções *American* e *British*, e o estudante pode ouvir ambas as versões, podendo inclusive optar por uma versão mais pausada da fala ao ativar o botão *Slow*.

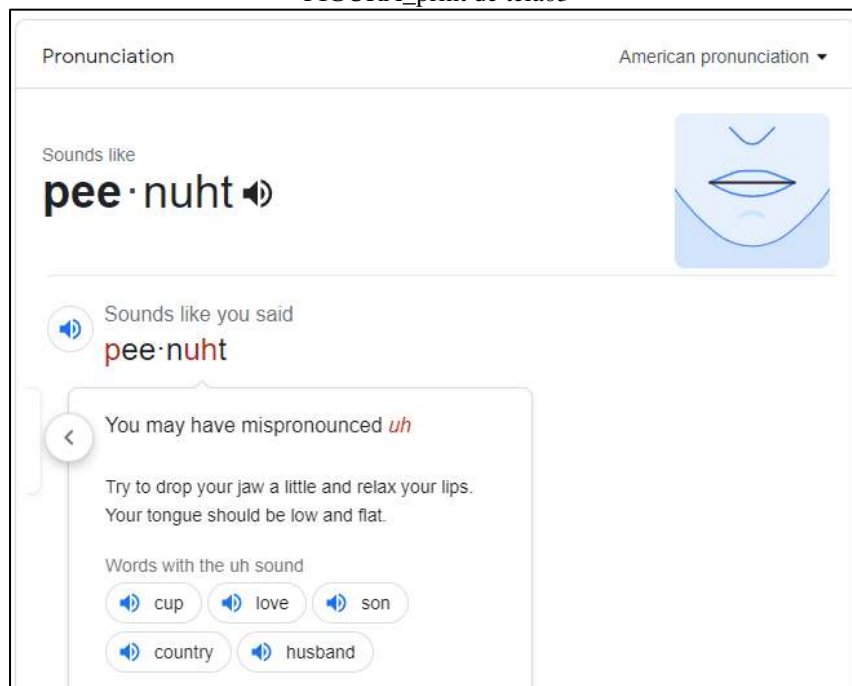
Ao clicar no ícone *Practice*, o estudante/usuário repete a palavra no micrófono e recebe um *feedback*:

FIGURA_print de tela02



Fonte: autora

FIGURA_print de tela03



Fonte: autora



Observa-se que a pronúncia almejada é ['pi:.nɒt], e foram corrigidos os fonemas /p/ e /ɒ/.

2.3 DISCUSSÃO

Diante dos fatos apresentados, pontamos duas questões a serem discutidas em relação ao uso da plataforma.

A primeira é a restrição a duas variantes de prestígio, a americana e a britânica, ignorando outras variantes de falantes nativos de países de menos proeminência no cenário econômico internacional, como Jamaica, África do Sul e Austrália. Mesmo a escolha da pronúncia americana e britânica, como discutido acima, pauta-se numa escolha de padrões de prestígio dentro dos referidos países.

A segunda diz respeito à busca pela “perfeição” na reprodução do molde nativo. Os fonemas corrigidos apontam pra uma pronúncia “errada” de dois fonemas, o /ɒ/, que é de difícil realização para o falante brasileiro, e o /p/, que familiar par o falante do português.

3 CONCLUSÃO

A ferramenta de pronúncia da plataforma Google poderia ser um instrumento bastante útil para professores e estudantes. Entretanto, apontamos aqui que a restrição às variantes de maior poder reproduzem uma visão colonialista da língua. Diante das discussões contemporâneas sobre o ensino e concepção da língua, esperaria-se que a plataforma atualizasse suas opções, incluindo outras variantes e ampliando o leque de escolhas do estudante.

Apontamos também que prevalece uma visão purista do aprendizado da pronúncia, enquanto poderia haver uma flexibilidade maior em aceitar uma fala que mantivesse a inteligibilidade da palavra. Isso poderia ser alcançado se houvesse uma opção na qual o usuário declarasse sua língua original e especificasse que gostaria de ter apenas sua inteligibilidade avaliada.

Concluimos que muito se tem ainda a evoluir na visão predominante nas TIC's sobre língua e ensino, o que se faz urgente dada a importância do seu uso na sala de aula contemporânea.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Língua, Fala E Enunciação. In: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec. 12ª Edição, 2006.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. New York: Routledge, pp. 02-34, 2013a.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 200
- FOGAÇA, F. C.; MOTT-FERNANDEZ, C. Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo. Universidade Estadual de Londrina. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, Vol.12, No.1, pp.195-225, jan/jun. 2009.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam* São Paulo: Autores Associados, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ROJO, R. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROJO, Roxane.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1a ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. When Five Words Are Not Enough: A Conceptual and Terminological Discussion of English as a Lingua Franca. *International Multilingual Research Journal*: Routledge, pp. 20-30, 2010. FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. English as an international language: A curriculum blueprint. *World Englishes*, Vol. 30, No. 3, pp. 332-344, 2011.
- JENKINS, J. Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. *Englishes in Practice*, Vol. 2, No. 3, pp. 49–85, 2015. JORDÃO, C. O Ensino de Línguas Estrangeiras: de código a discurso. In: VAZ BONI, Valéria. *Tendências Contemporâneas no Ensino de Línguas*. União da Vitória: Kaygangue, 2006.
- JORDÃO, C. Posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.; EL KADRI, M. (Org.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, pp.221-249, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.
- SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica. In: SILVA, K. A. (Ed.) *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 25-52, 2010